

Diferenças na educação

Outros aprendizados

MISKOLCI, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge. (Org). São Carlos/SP: EdUFSCar, 2014. 253 p. ISBN: 978-85-7600-377-9

Responsável pela resenha:
MAURÍCIO PEREIRA GOMES*

Richard Miskolci e Jorge Leite Júnior, professores da Universidade Federal de São Carlos, organizam o livro, que reúne experiências acumuladas em três edições (2009¹, 2012 e 2013) do curso a distância *Gênero e Diversidade na Escola*, oferecido pela Secretaria Geral de Educação à Distância daquela universidade.² Trata-se, portanto, de um esforço coletivo de educadoras (es) que defendem a necessidade de uma mudança significativa na forma como diferenças religiosas, de gênero e étnico-raciais são abordadas em sala de aula, apontando referenciais teóricos e dinâmicas com potencial para a promoção de uma mudança significativa na prática docente no ensino básico e médio.

Ana Paula Vencato, professora da Universidade Paulista (Unip) e pesquisadora associada ao Quereres, principia com o capítulo *Diferenças na Escola*. Uma instituição que além de constituir um espaço de aprendizado e oportunidades desempenha um papel decisivo não só na reprodução, mas, também, na produção de desigualdades sociais.³

Um espaço no qual os e as profissionais que nela atuam enfrentam muita dificuldade no dia a dia em lidar com as diferenças vivenciadas por eles próprios, os (as) estudantes, pais e mães e as demais pessoas envolvidas no processo pedagógico, tradicionalmente orientado para uma padronização e normalização que levam a encarar as diferenças vivenciadas no cotidiano dentro e fora da instituição como inconvenientes, “fora do lugar”.

A superação dessas dificuldades, pondera a autora, passa por uma percepção e um novo posicionamento perante as diferenças, uma nova atitude que nelas antevêja um potencial transformador, que deve ser valorizado e aproveitado dentro da escola e nas práticas pedagógicas por ela encampadas. Uma pedagogia crítica e questionadora

* Doutorando de Interdisciplinar em Ciências Humanas. Pesquisador do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Florianópolis/SC – Brasil. E-mail: <gomesupo@hotmail.com>.

que, rompendo com uma abordagem etnocêntrica, vá além de uma atitude de respeito e tolerância para com a diversidade, investindo nas diferenças e no debate de como elas e também as identidades são produzidas, mediante interações entre as pessoas, problematizando os processos sociais que as originam. Afinal, diferença não é o mesmo que desigualdade, “não é a existência das diferenças que institui as desigualdades entre indivíduos, mas a hierarquização delas (legitimação de algumas e exclusão de outras)” (p. 41).

A revisão de conteúdos, bem como das práticas de ensino, com o uso de materiais de apoio que dialoguem com a realidade cotidiana dos alunos e alunas, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e estereótipos, são os caminhos indicados para se lidar com as diferenças na escola.

No segundo capítulo, *Religiosidades e Educação Pública*, Tiago Duque, professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, adota como ponto de partida a necessidade de uma valorização da diferença cultural religiosa paralelamente a uma afirmação da condição laica do Estado Brasileiro. Um desafio que, no seu entender, passa pela superação da compreensão de que a temática da religião não é passível de ser discutida em sala de aula, além de uma necessária crítica ao etnocentrismo que abra espaço para uma prática relativista no modo de conviver com as diferenças religiosas, sem o estabelecimento de hierarquias.

Para além da reiteração genérica e superficial do direito à liberdade religiosa e à livre manifestação de suas crenças, cabe à escola e aos (às) diversos (as) profissionais envolvidos (as) na atividade de ensino estabelecer uma clara diferenciação entre essas prerrogativas cidadãs e seu abuso na forma de discursos de ódio e desrespeito ao diferente.

O capítulo é arrematado com indicações de diversas ferramentas – como blogs, tirinhas de humor, documentários, sites da internet, livros, além de artigos acadêmicos – que podem ser exploradas em sala de aula, com o objetivo de debater e refletir a temática religiosa, com o realce de valores laicos e uma postura macroecumênica que incentive o convívio com as diferenças dentro e fora do espaço escolar.

Larissa Pelúcio, autora do terceiro capítulo, *Desfazendo Gênero*, é professora da Universidade Estadual Paulista. Para ela o ambiente escolar é marcado por práticas sexistas e homofóbicas que muitas vezes testam a capacidade das (os) educadoras (es) em enfrentá-las. Uma disposição que passa pela necessidade de rompimento do silêncio que envolve questões relacionadas com o gênero (categoria que considera chave para a desnaturalização das relações sociais que por ele são permeadas, com destaque de sua dimensão social e política, vale dizer, das relações de poder a ele inerentes).⁴

São fornecidas diferentes possibilidades para que este necessário debate seja levado para a sala de aula, e neste objetivo a professora antevê nos discursos difundidos por diferentes mídias profícuos pontos de partida para estimular a reflexão, despertando

o interesse e o prazer das (os) estudantes em debater situações vivenciadas em seu cotidiano.

O quarto capítulo intitulado *Escola e sexualidades: uma visão crítica à normalização* é de autoria de Fernando de Figueiredo Balieiro e Eduardo Name Risk, pesquisadores do Quereres e professores do Centro Universitário UniSEB/SP. A proposta encampada é, mais uma vez, o engajamento na luta contra práticas existentes dentro e fora da escola que, a partir de desigualdades e hierarquias sociais, contribuem para a criação de situações de exclusão. De modo mais específico, os autores exploram a temática da sexualidade, indicando caminhos para romper com a resistência existente, a noção difundida de que tal assunto não deve ser discutido nas escolas.⁵

Boa parte desta dificuldade guarda relação com o fato de que a sexualidade, quando abordada no ambiente escolar, de modo geral é relacionada (e reduzida) a questões de saúde pública e de reprodução, sempre com o pressuposto - naturalizado - de uma norma heterossexual (e da dominação masculina a ela associada), que é difundida e percebida, assim, como compulsória. A decorrência é sinalizar os espaços do segredo, do silêncio e da vergonha, dentro e fora da escola, àqueles e àquelas que ousam viver formas diferentes - o gênero, a sexualidade e os afetos.

Defendem, assim, a necessidade de uma outra escola, aberta às diferenças e que discuta as violências nela presentes e na sociedade, de modo a criar e favorecer espaços para refletir os componentes relacionais e de poder nas relações de gênero e nas sexualidades e, assim, contribuir para a transformação dessas duras realidades. Uma pedagogia questionadora e democrática que problematize e critique as hierarquias de gênero e sexualidade decorrentes de normas e valores heteronormativos.

Paulo Alberto dos Santos Vieira e Priscila Martins Medeiros, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), dividem a autoria do capítulo que arremata a obra, *Pela desracialização da experiência: discurso nacional e educação para as relações ético-raciais*. Compreendendo o termo racialização como “os discursos e práticas sociais que transformam características socialmente construídas em aspectos biológicos” (p. 205), indicam que um dos primeiros pressupostos a ser superado é aquele que propaga uma pretensa democracia racial.

Em um dos muitos boxes que integram o capítulo, esmiuçando as principais categorias que permeiam a reflexão (como raça, etnia e diáspora), indicam marcos históricos para o debate e situam estudos e autores pós-coloniais, denunciando a prepotência do eurocentrismo que marca o pensamento ocidental. Defendem que o esforço a ser realizado com os/as estudantes é o de desnaturalizar a racialização, procurando estabelecer, com uma perspectiva histórica, uma relação de estranhamento que leve à reflexão sobre os mecanismos que atuam na perpetuação do racismo.

O capítulo também contempla uma avaliação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura

Afro-brasileira e Africana adotadas na última década que, na avaliação do autor e da autora, longe de superarem o racismo e apesar das dificuldades encontradas, têm potencial e têm contribuindo para a criação de espaços de discussão da temática dentro e fora da escola, para a difusão de novos valores e práticas antirracistas.

A coletânea cumpre o importante papel de romper com silêncios e invisibilidades que acompanham questões relacionadas às diferenças étnico-raciais, de gênero e religiosas no espaço escolar, fornecendo elementos teóricos e práticos para a construção de uma nova pedagogia, transformadora, que percebe as diferenças entre as pessoas como um patrimônio de todos e que pode ser colocado a serviço da construção de uma sociedade com menos ódio, racismo, sexismo e homofobia.

Recebido em abril de 2015 e aprovado em junho de 2015

Notas

- 1 A primeira edição do GDE resultou no livro *Marcas da Diferença no Ensino Escolar* (MISKOLCI, 2010), que reuniu as discussões resultantes daquela experiência, procurando aliar reflexões teóricas com a prática pedagógica, questionando como as diferenças são constituídas, institucionalizadas, reconhecidas e negadas na escola.
- 2 Em parceria com o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) e o Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade (Querereres), do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar.
- 3 O argumento é desenvolvido com apoio, dentre outras (os) autoras (es), nas obras de Louro (1999) e Silva (2007).
- 4 No aprofundamento do debate conceitual proposto, diferentes obras da professora Guacira Lopes Louro são referenciadas, valendo citar: *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (1997).
- 5 Em uma dinâmica que, como indica Miskolci (2010, p. 80), para além do silêncio em relação às diferenças, abre espaço para a ridicularização e o insulto daqueles (as) que as ostentam, o que na prática desagua em uma cumplicidade para com violências cotidianas.

Referências

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard (Org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

_____. Sexualidade e orientação sexual. In: MISKOLCI, Richard (Org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 75-111.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 73-102.